

Brasília, capital da esperança e do futuro

CLEMENTE LUZ
Especial para o CORREIO

Contemporânea do futuro, Brasília se prepara para o encontro marcado com o terceiro milênio, que está a uma distância de menos de 15 anos. Um novo milênio não acontece no âmbito de duas ou três gerações, mas de 10 ou mais, dentro dos limites da vida de 80 anos, que a ciência, a medicina e a tecnologia ainda não conseguiram ampliar. Nós, habitantes da cidade, com ela caminharíamos para o grande encontro, mas não iremos muito além. A cidade, sim. Construída com linhas e formas de eternidade, que o gênio de Lúcio Costa, Niemeyer e Burle Marx conseguiu traçar nos projetos e transformar em realidade sobre o chão da terra, Brasília seguirá sua trajetória como nova capital da latinidade, através dos séculos, vencendo os milênios que estão por vir, no infinito dos tempos.

Mas Brasília não é apenas a conjunto maravilhoso de formas de urbanismo, arquitetura e jardins. É, antes de tudo, o imenso cadinho, no qual se faz a simbiose do povo brasileiro, uma simbiose de costumes, falas, pele e alma, para a criação desse novo brasileiro que se orgulha de sua cidade, o brasiliense.

Eles começaram a chegar do Norte, do Nordeste, do Oeste extremo, com suas peles curtidas pelo

vento e pelo sol; do Sul, com seus cabelos claros e olhos azuis de longínquos ancestrais saxônicos; do Centro-Sul, como cariocas, mineiros, capixabas e goianos, de voz mansa e cantada, cheias de preciosidades da fala portuguesa da colonização. Eles começaram a chegar, desde a instalação dos primeiros canteiros de obras, desde a abertura da Avenida Central da Cidade Livre, por volta de 1957. E continuam chegando, quase 30 anos depois com as mesmas esperanças, com os mesmos sonhos.

Brasília foi, desde a sua primeira hora e continua sendo, nos atormentados dias de hoje, a Capital da Esperança, tão significativamente batizada por André Malroux, que a visluto ainda em obras.

Não podendo conter todos os que chegam, mas sem condições de rejeitá-los — pois a rejeição seria a morte da esperança — Brasília abre suas asas imensas, como grande ave generosa, para abrigar, em suas cidades-satélites, invasões, em suas áreas rurais, todo o Brasil que marcha, de forma indiscriminada, em busca de novos dias, cobrando apenas a garantia do teto, do pão e da saúde.

Transformada em centro de fluxo e refluxo, Brasília está justificando plenamente os ideais de JK, que empreendeu a

obra do século, para criar, no centro do País, o seu verdadeiro pólo de desenvolvimento, alavanca da integração nacional.

Mística desde os seus primeiros dias, quando as previsões de Dom Bosco prometiam leite e mel e uma incalculável riqueza quando se escavasse o solo, Brasília se transformou, em face de coincidências singulares, numa espécie de centro de convergência e irradiação de forças telúricas, que a apontam como a capital do terceiro milênio, capaz de preservar o homem e suas crenças contra os males do futuro, previstos e proclamados por astrólogos, videntes e cãsandras impledosas.

Mística, real, problemática, inchada em todos os seus recôncavos, aí está a cidade, com o seu habitante, à procura de soluções, à procura de caminhos.

Brasiliense não é apenas a geração que aqui começou a nascer na última metade da década de 50. É todo aquele que, atraído pela promessa de novas oportunidades de vida, aqui se fixou trazendo apenas a pobre roupa do corpo ou conduzindo uma arca cheia de dinheiro.

Brasiliense, a nova raça de brasileiros, que tem a esperança como signo e o futuro como meta. Brasiliense, antes de tudo, um contemporâneo do futuro.